

! "#\$%&' (%)" ' &*(%+)
,%-), ". (/ "0\$ " ' (%)I#(*# " "2()(%)34, #5\$5&(%)". 6" &(%)2") 7# "-, #. &2"2,)5(')") I, #*6. -"8)9 :);6,). (%)
"##" .5") 2() . "2" <= > ') & ' I#, 0&%- () & ' I (. . . - ,) ,) 2# " ' ?- &5() @ (#A (6B. (%) ") "C#&#) ' D() 2() . (% % ()
, .5(. -#(+) % , ' I#,) I#(@6. 2" ' , . - ,) , % I, # "2() I (#) - (2(%E) F% () . D() , . @# " ;6, 5, 6) ") I, #*6. -" +) ' %)
- (# . (6B ") " &. 2") ' " &(%) " *62" +) I, G ") . "-6# , H ") 2() 2, % " @ &(;6,) , %- " ' (%) , . @# , . - " . 2() . () ' 6. 2() - (2(E)
I (# - " . - (+) ") % &- 6" AD () ' , % ' ") ;6,) % ,) 0, &(") 5# & " #) J) ;6,) - (# . ") ' " &(%) 6# * , . - ,) 5(' I " # " AD () 5('))
I, #*6. -" +) C6% 5" . 2() 6 ' ") # , % I (% - ") ;6,) % ,) 2, ' (. % - # ,) K) "G-6# ") 2, G " E) I " # , 5, 6B. (% +) " % % & ' +) . , 5, % % ? # &()
5(. - &. 6" #) ") . (%) " 5(' I " . / #) . , % - ,) - , ' I () 0, # - & * &. (% (+ , ') ;6,) () . " 2") I, % ") - D () @ (# - , ' , . - ,) % (C # ,) ")
0 & 2") 2,) - (2(%E) L , % , M " ' (%) , % - " #) 2 & " . - ,) 2") I#(0 (5" AD (;6,) . (%) 5(. 5, # . ,) ") - (2(%) % , ') . (%) # , - # " & # ' (% +)
(;6,) . (%) I , # ' &- & # ?) 0, # & @ & 5" #) % ,) () 5(. / , 5 & ' , . - () . (0 () ,) " " @ , & AD () . (0 " +) I # N I # & (%) 2") 9 5 # & " - 6 # ") . (0 " =
* , # " 2") I , G () O " - & # ' (+) O P ') % ,) - (# . " . 2() , ') . N %) 9") 5(. % 5 & P . 5 & ") . (# ' " G) 5(') ;6,) " - # " 0, % % " #) - (2() ()
5(. M 6. - () 2,) 5 & # 5 6. % - Q . 5 & " %) 2") # , " G & 2" 2, =) RSE) T & 6 % % " . & U) VE) WGC , # - (U) XE) I # " 2, % +) " # \$ % & ! (& ?) & * ! + &
, \$ * - . ' \$ & ! / 0 ! (1 + / OE) VD () I " 6 G (8) ! (' I " . / & ") FG & ' &- " 2" +) YZ [\ +) IE) JY ^ E) L (') T & 6 % % " . &) (@ , # , 5, B. (%) 6 ' ")
% 6 * , % - D () ' , - (2(GN * & 5") I # , 5 & (% ") I " # ") # , " G & H " #) , % - ") 0, # & @ & 5" AD (8) 9 I " # ") ;6,) ") ' , . - " G & 2" 2,) % , M ")
, " G ' , . - ,) . (0 " +) J) I # , 5 & (;6, +) ") I " # - & #) 2,) % 6 ") 5(. % 5 & P . 5 & ") 2,) _ I , # - , . 5, # ' +) , % - , M ") 5(. - &. 6" ' , . - ,
, ' I , . / " 2") . ") 5(' I " # " AD () 5(') (%) " 5(. - , 5 & ' , . - (%) I # , % , . - , % = E) :) , ' I , . / () . ") 5(' I " # " AD () 5(') (%)
" 5(. - , 5 & ' , . - (%) I # , % , . - , %) J) () ' J - (2(;6,) . (%) J) &. 2 & 5" 2() I " # ") ;6,) ") ' , . - " G & 2" 2,) % ,) - (# . ,) # , " G ' , . - ,
. (0 " E) ! (') , @ , &- (+) 9 % ,) . D () , . - # ") . ") , 4 I , # & P . 5 & ") I # , % , . - , +) () 5(. / , 5 & ' , . - () . (0 () . D () , 4 & % - , +) J) 6 ' ")
" C # - # " AD (E) a , % % ,) % , . - & 2(+) . D () 2" #) M 6 \$ H (%) (C # ,) (%) " 5(. - , 5 & ' , . - (%) J) ' (# - & @ & 5" #) ") @ J =) RFC & 2, ' +) IIE)
J b B] c ^ E) W) I # (' , % % ") 2,) ;6,) - " G) 5(' I " # " AD () I (2,) @ " H , #) @ G (# , % 5, # , ') . N %) " ;6, G ") 5 # & " - 6 # ") . (0 ") ;6,
. " % 5,) 2() O " - & % ' () ,) % ,) 2, % I , # - ") . () , . 5(. - # () 5(') 6 ' ") 5(' 6. & 2" 2,) 5 # & % - D) 0 & 0 " +) - (# . ") @ " % 5 &. " . - ,) , % - ,
. (% % () 5" ' & . / () 5(' 6 ' E) :) - , 4 - (;6,) , % - (6) I # , I " # " . 2() ,) % (C # ,) () ;6" G) 0" ' (%) - # " C " G / #) . (%) ' , % , %
;6,) O P ') I # , - , . 2,) % , #) () &. % - # 6 ' , . - () I " # ") & % % (E) W % , * 6 & #) 0 (5 P %) I (2, ') G , #) ") F . - # (2 6 AD (E

213\$4+!5&' .+!
(&\$0!/#!6767!

O QUE NOS ARRANCA DO NADA? de Julián Carrón

INTRODUÇÃO

«Que é o homem, para dele assim vos lembrades e o tratardes com tanto carinho?»¹

Que poder têm hoje essas palavras do Salmo, depois de termos percebido mais lucidamente o nosso nada, a nossa fragilidade e a nossa impotência devido a um vírus que pôs o mundo inteiro contra a parede! Esta consciência que o Coronavírus nos deu traz à tona ainda mais todo o maravilhamento – justamente quando fizemos experiência do afastamento dos outros por causa do contágio – pela presença de Alguém que toma conta de nós, para o qual nós valemos mais do que todo o universo: «Com amor eterno eu te amei, tendo piedade do teu nada».²

Como é que poderíamos começar o dia sem comover-nos com essa preferência por nós que percebemos? Muito mais neste período. Qual é a natureza de tal preferência? A graça de ter-nos feito partícipes desta notícia: não estamos sozinhos com nosso nada, Ele existe, Cristo existe. Sua presença, de fato – uma presença que permanece na história –, é o dom mais precioso que nós já recebemos. Por isso, ao despertar toda manhã nós pedimos: *Veni Sancte Spiritus. Veni per Mariam*, a fim de que essa preferência vibre ainda mais em nós e possamos cada vez mais saborear, degustar esse dom, sem o qual não conseguiríamos sequer olhar para nossa condição existencial.

«O que nos arranca do nada?» Esta é a pergunta que deveria ter guiado os nossos Exercícios Espirituais anuais, o gesto mais importante na vida da Fraternidade. Se a emergência sanitária nos impôs renunciar a eles, não extinguiu porém a pergunta, que aliás assumiu, precisamente à luz dos acontecimentos recentes, um peso específico ainda maior. A pergunta, enviada de antemão a todos aqueles que participariam para favorecer uma atenção à experiência própria e o amadurecimento de uma contribuição pessoal própria, provocou um movimento imponente e um turbilhão de gratidão. É a prova de que – como já ocorrera no ano passado³ – quando algo intercepta nossa humanidade, com todas as suas feridas, imediatamente nos damos conta e reagimos.

«O que nos arranca do nada?» A pergunta foi recebida como pertinente à experiência da vida, suscitando imediata gratidão junto com um grande desejo de amizade. Isso joga luz também ao sentido da palavra amizade: somos amigos para ajudar-nos a não ter medo das perguntas, inclusive as que dão trabalho e inquietam, que ferem e abalam. Nosso estarmos juntos não poderia ser amizade se as deixássemos de lado de algum jeito. Depois de ter recebido a pergunta proposta, um de vocês, começando sua carta, escreveu-me: «Desculpe se não escrevo em tom formal. Queria lhe escrever como a um amigo, um amigo a quem peço ajuda, um amigo a quem peço o impossível. E com os amigos sou informal». Ser amigo significa olhar de frente, juntos, com toda a nossa humanidade, tal como é, para esta pergunta: «O que nos arranca do nada?»

1. De qual nada estamos falando?

Se falamos de um “nada”, é porque a existência do homem contemporâneo – isto é, nossa existência pessoal e social –, cada vez mais clara e imponentemente, sem tumultos ou declarações específicas, e contudo não sem efeitos visíveis, parece marcada pelo niilismo. Não estamos fazendo alusão a uma corrente cultural, mas a uma situação existencial. É para essa situação que nos interessa olhar, ainda que só em seus traços essenciais, não por um interesse analítico ou descritivo,

¹ Sl 8,5.

² Cf. Jr 31,3.

³ Faz-se referência aos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação intitulados “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”, transcorridos em Rímimi de 12 a 15 de abril de 2019.

mas com a paixão de quem deseja descobrir um caminho que permita à vida de cada um de nós caminhar para a própria realização, nas circunstâncias dadas, quaisquer que sejam.

Que características tem o niilismo que, mais ou menos explicitamente, mais ou menos conscientemente, se insinuou em nossa maneira de pensar e de viver?

Por um lado, apresenta-se como uma suspeita sobre a consistência última da realidade: tudo acaba em nada, incluindo nós mesmos. «A partir da percepção vertiginosa da aparência efêmera das coisas, desenvolve-se como sujeição e negação mentirosa a tentação de pensar que as coisas sejam ilusão e nada».⁴

Por outro lado – em nexos com o primeiro –, apresenta-se como uma suspeita sobre a positividade da vida, sobre a possibilidade de um sentido e de uma utilidade da nossa existência, que normalmente se traduz na percepção de um vazio que ameaça tudo o que fazemos, determinando um desespero sutil, até em vidas atarefadas e cheias de sucessos, com agendas lotadas de compromissos e de projetos para o futuro.

Um conhecido filme dos anos oitenta, *A história sem fim*, faz alusão a essa situação de maneira sugestiva e eficaz. Trata-se do diálogo entre Gmork, o «servo do Poder por trás do Nada» e Atreyu, o jovem herói chamado a deter o Nada. «As pessoas começaram a perder suas esperanças e esquecer seus sonhos. Por isso o Nada se espalha», diz o primeiro. «Que é o Nada?!», pergunta-lhe o segundo. «É o total vazio que nos rodeia. É o desespero que destrói o mundo, e eu tenho tentado ajudá-lo. [...] Pois as pessoas que não têm esperanças são fáceis de controlar, e quem tem o controle tem o poder».⁵

Em tais metáforas sugestivas expressa-se algo daquela postura que hoje indicamos com a palavra «niilismo». Todos podemos reconhecê-lo: o «nada que se espalha» na vida, o «desespero que destrói», «o vazio que nos rodeia», que se torna fenômeno social.

Talvez o fato de termos tido de parar por causa do Coronavírus nos tenha feito refletir, como não ocorria havia tempo, sobre quem somos, sobre como e de que vivemos, sobre que consciência temos de nós mesmos e das coisas. Como disse Tolstói: «Bastaria ao homem de hoje interromper por um instante suas atividades e refletir, comensurar as exigências de sua razão e de seu coração com as condições atuais da existência, para dar-se conta de que toda a sua vida e todas as suas ações estão numa contradição contínua e gritante com sua consciência, sua razão e seu coração».⁶

Vejam como uma jovem colegial tomou consciência de si ao parar e refletir: «Durante a primeira semana de quarentena, acho que vivi, como muitos outros, momentos de grande incômodo. A ideia de ficar fechada em casa sem ver meus amigos e meu namorado ou sem poder sair livremente me aterrorizou. Mas depois fiz uma série de telefonemas que me animaram. Em particular, o telefonema a um amigo que, ao ouvir meu “estou bem, mas não muito”, quis investigar mais a fundo. Conversando com ele percebi que havia tempo eu não me fazia perguntas, deixava tudo passar batido, um pouco por medo, um pouco por não querer chegar a respostas incômodas. Percebi como era estúpido não fazer-me perguntas, sendo que eu não era feliz. Assim comecei a perguntar-me o que é que realmente me dava medo e me dei conta de que o que mais me deixa ansiosa é o silêncio, pois me leva a pensar, me põe diante das minhas perguntas. E o primeiro motivo por que tenho medo de me fazer perguntas é o fato de eu temer não ter respostas. Isto explica por que eu fujo tanto assim do silêncio inevitável que me toma antes de ir dormir. Para evitar ser dominada por ele, deixo minha mente ser invadida por pensamentos de todo tipo, de modo que não me preocupe em lidar comigo mesma, enquanto não chega o momento do sono. Preocupa-me a resposta que certas perguntas possam ter, temo que me obriguem a lidar com partes de mim que não quero conhecer, ou que me façam tomar um caminho trabalhoso. Como disse meu amigo, tenho preferido viver numa bolha de sorrisos, risadas, momentos de mal-estar e de tristeza, todos extremamente

⁴ L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*. Gênova: Marietti 1820, 1999, p. 13.

⁵ *A história sem fim* (*Die unendliche Geschichte*, RFT 1984), direção e cinegrafia de Wolfgang Petersen.

⁶ L. Tolstói, “Il non agire.” In: Idem, *Il risveglio interiore*. Sassuolo: Incontri, 2010.

desvitalizados e opacos. Vivo num carrossel de emoções que um dia me põe para cima e no outro me derruba no mais escuro mal-estar; fico exaltada com o tempo em que experimento essas emoções, para depois arquivar tudo na gaveta das “experiências bonitas”. Mas me dou conta de que isso não basta para mim, eu quero muito mais, quero algo que deve ser necessariamente grande, por que – como diz Kierkegaard – “nada de finito, nem sequer o mundo inteiro, pode satisfazer o espírito humano que sente a necessidade do eterno”».

Há algum tempo, a *Passos* descreveu o niilismo de que estamos falando como «um inimigo sutil, difícil de perceber e decifrar porque nem sempre se apresenta com traços precisos [...] e muito frequentemente tem a conformação impalpável de um vazio sem fim».⁷ Impalpável e ao mesmo tempo muito concreto. Um amigo universitário identificou-o nestes termos: «O nada é muito mais sutil e rasteiro do que eu imaginava, o pequeno nada cotidiano que muitas vezes ameaça dominar os meus dias».

Tentando focar o máximo possível no problema – que alguns talvez nem vejam ou teimem em não ver –, podemos dizer: a suspeita sobre a falta de consistência do real e a desconfiança na possibilidade de significado e de realização da existência entrelaçam-se e sustentam-se mutuamente nesse niilismo que nos concerne a todos.

A forma atual do niilismo é descritível, em suma, como uma sensação de vazio fora (o contexto em que estamos vivendo, que às vezes pode traduzir-se na «bolha de sorrisos, risadas, momentos de incômodo e de tristeza, todos extremamente desvitalizados e opacos») e dentro de nós («me dou conta de que isso não basta para mim, eu quero muito mais»), cuja consequência é um enfraquecimento da relação com a realidade e com as circunstâncias, que no fim parecem todas insensatas, imerecedoras de obter de nós um verdadeiro assentimento. Há como que um *torpor* do eu, que freia o envolvimento com o que acontece, mesmo quando estamos presos num turbilhão frenético de atividades; aquelas atividades que repentinamente e por algum tempo foram interrompidas pelo Coronavírus – de modo que, muito ou pouco, todos fomos de algum modo “forçados” a pensar em para onde estamos indo, no que queremos fazer da nossa vida, no que é que efetivamente pode sustentá-la.

Lewis acrescenta uma nuance a esta descrição: «Os cristãos», escreve numa das famosas *Cartas do diabo ao seu aprendiz*, «descrevem o Inimigo [Cristo] como Aquele “sem o qual Nada é forte”. E o Nada é muito forte: forte o bastante para roubar os melhores anos de um homem não em doces pecados, mas em um *tremeluzir monótono da mente* sobre não se sabe o quê, nem para quê, na gratificação de curiosidades tão frágeis que o homem só está meio consciente delas».⁸

Torpor, tremeluzir da mente e, como observa Orwell em seu profético romance *1984*, *indiferença*: «Pensou que as únicas características indiscutíveis da vida moderna não eram sua crueldade e falta de segurança, mas simplesmente sua precariedade, sua indignidade, sua indiferença».⁹ É uma «indiferença» que corrói o íntimo do eu e que escava uma distância, um fosso entre nós e o que acontece: «Não havia nada no meu ambiente que eu pudesse respeitar e que me atraísse», escreveu Dostoiévski.¹⁰

Nada, então, parece capaz de empenhar realmente o eu. As relações que temos, as coisas que fazemos aborrecem-nos, mesmo as que por algum tempo nos entusiasmaram.

Este é o rosto que assume hoje o niilismo: uma astenia, uma ausência de tensão, de energia, uma perda do gosto de viver. «Há mais riquezas, porém menos força; não resta mais uma ideia agregadora; tudo amoleceu, tudo mofou e vai mofar! Todos, todos, todos nós mofaremos!»¹¹

⁷ C. Esposito, *O niilismo da porta ao lado*, entrevista concedida a Davide Perillo. *Passos-Litterae communionis*, n. 220, dezembro de 2019, pp. 8-13.

⁸ C. S. Lewis, *Cartas do diabo ao seu aprendiz*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 57. Grifos nossos.

⁹ Cf. G. Orwell, *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 93.

¹⁰ F. Dostoiévski, *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 62.

¹¹ F. Dostoiévski, *O idiota*. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 423-424.

Por isso o Papa Francisco sustenta que hoje «uma grave ameaça [...] é a perda do sentido da vida».¹² Exprime-o de maneira apaixonante Cesare Pavese neste poema escrito quando tinha apenas dezessete anos: «Andar por entre as ruas solitário / aflito de contínuo com o terror / de ver desvanecer sob os meus olhos / as vagas criações tão aneladas / sentir arrefecer-se dentro d'alma / o ardor, a esperança... tudo, tudo / ficando pois assim sem um amor, / [...] / condenado à tristeza cotidiana».¹³

Meses atrás escreveu-me uma jovem universitária: «No último período, como nunca antes, dei-me conta de que vivo momentos de nada, momentos em que o horizonte da minha vida é caracterizado pela queda do desejo e eu desapareço, vivo pela metade. O nada dentro de mim fala de um jeito delicado, induz-me a me poupar: a poupar minhas energias, porque vale a pena fazer só o que tenho na cabeça sem nem sequer levar em consideração outras propostas; a me poupar nos relacionamentos, porque não vale a pena compartilhar minhas dificuldades. Enfim, induz-me ao mínimo indispensável, e eu me pego cada vez mais árida e descontente. Mesmo nestes últimos dias de novembro, parece que estou vivendo numa atmosfera sepulcral: tendo tantas ocasiões bonitas, desde a relação inesperada com os calouros até a formatura dos amigos mais velhos, com frequência fico fechada em meus pensamentos e em minhas dificuldades. Percebo, então, que estou à mercê do nada, de um mal-estar que não sei explicar».

Alude à mesma experiência o trecho de outra carta, que recebi recentemente: «Estando em casa sem trabalho [por causa do isolamento imposto pela emergência sanitária], comecei a experimentar na pele o que é esse nada a que você se refere. Se este tempo não for preenchido por algo que permanece, fica completamente vazio e eu sou nada».

Mas não é tudo. Com efeito, acompanha essas características expostas acima também uma sensação de impotência para modificar a conformação que assumimos («a conformação impalpável de um vazio sem fim», dissemos), para levantar-nos, como se não bastassem os esforços nem os estímulos que nos chegam de fora para pôr-nos de pé e resgatar-nos do vazio que sentimos.

É uma experiência dolorosa que une a muitos de nossos contemporâneos: «Na verdade, nada pode impedir o retorno, cada vez mais frequente, desses momentos em que a solidão absoluta, a sensação de vazio universal e o pressentimento de que a existência se aproxima de um desastre doloroso e definitivo se unem para mergulhá-lo num estado de sofrimento real».¹⁴

Precisamos de algo que seja capaz de despertar toda a potência do nosso desejo e nos reabra para a provocação da realidade e das circunstâncias, a fim de podermos «viver sempre intensamente o real».¹⁵ Entendemos que a mera sucessão das coisas não basta, estamos na situação de quem tenta subir uma ladeira e escorrega de novo para trás, volta ao ponto de partida. Voltamos a cair no nosso nada, não vemos o que pode contrastá-lo e não entendemos de onde partir. Desta forma, ficamos profundamente incomodados com nós mesmos.

É o mal-estar identificado nos jovens – que porém se estende a todos – pelo psicanalista Galimberti, de quem citamos uma frase na Jornada de Outubro:¹⁶ «Os jovens não estão bem, mas eles nem entendem o porquê».¹⁷

«Ouvir essa frase de Galimberti na Jornada de Outubro», escreveu-me um jovem amigo, «partiu meu coração, porque descreve perfeitamente a minha vida neste período. Faz meses que há em mim uma espécie de insatisfação e de tristeza em tudo o que faço. Vejo que essa insatisfação está em tudo, como se sob a máscara dos sorrisos e das mil coisas para fazer reinasse o nada, uma ausência

¹² Francisco, *Audiência geral*, 27 de novembro de 2019.

¹³ C. Pavese, “A Mario Sturani”, Monza-Turim, 13 de janeiro de 1926.

¹⁴ M. Houellebecq, *Extensão do domínio da luta*. Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 14.

¹⁵ L. Giussani, *O senso religioso*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017, p. 167.

¹⁶ Referência ao Dia de Início de Ano (no Brasil, Jornada de Outubro) dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação, com o título “Quem é este?”, ocorrido em Milão no dia 29 de setembro de 2019.

¹⁷ U. Galimberti, “A 18 anni via da casa: ci vuole un servizio civile di 12 mesi”, entrevista de S. Lorenzetto, *Corriere della Sera*, 15 de setembro de 2019.

de significado verdadeiro, uma ausência de letícia verdadeira. Faltando o significado, resta só o dever, um “ter de” inútil, que me joga ainda mais para o fundo. Talvez seja esse mesmo o niilismo de que normalmente você nos fala. É um problema que concerne à minha existência. De fato, é como se minha vida agora fosse menos vida. E a primeira prova disso é que tudo o que não ocorre conforme os meus planos vira uma âncora que me afunda. Basta um nada, uma coisinha que não sai como eu queria, e eu desmorono, me rendo, me deixo levar. Perante a realidade fico como que resignado e triste. Apesar das máscaras, da tentativa de fingir que não é nada, do esforço para seguir em frente, percebo que bem no fundo, diante de todas as coisas que me aconteceram e que vejo, fico triste, mas não entendo por quê. Só que alguns anos atrás era o oposto, as dificuldades eram trampolins, não âncoras; agora tento não olhar para a necessidade que tenho no peito, finjo que não está lá, finjo que estou bem, nada mais me maravilha. Preciso de algo grande que vença o nada em que caí. Agradeço-lhe a companhia que me vem fazendo ao me desafiar com suas perguntas, e peço-lhe uma ajuda porque preciso recomeçar a me maravilhar, preciso entender o que me acontece durante os dias, porque neste nada eu não quero ficar».

A gente se deixa levar, fixando-se em coisas banais, sem pretensões, para preencher de algum modo o tempo que passa. «O nada não se escolhe, a gente se abandona ao nada»,¹⁸ porque, como dizia Malraux, «não há ideal ao qual possamos sacrificar-nos», com o qual possamos realmente comprometer-nos, «porque de todos nós conhecemos as mentiras, nós que não sabemos o que é a verdade».¹⁹

O niilismo atual, como se vê, já não é o de antigamente, que se batia heroicamente contra os valores; o de hoje não é ambicioso: tem o rosto de uma vida “normal”, mas com um caruncho dentro, pois nada parece valer a pena, nada atrai, nada conquista de verdade. É um niilismo recebido passivamente, que penetra sob a pele e leva a um cansaço do desejo, como um maratonista esgotado um segundo depois da partida. Augusto Del Noce falava de um «niilismo gaio», «sem inquietação», que quer suprimir o «*inquietum cor meum* agostiniano» em prazeres superficiais.²⁰

2. A liberdade está diante de um desafio

Neste contexto, nossa liberdade está diante de um desafio. Perguntemo-nos: podemos limitar-nos a observar com distanciamento o espetáculo do nada que avança em nossa vida, como escreve Houellebecq? «De tocaia na encruzilhada do espaço e do tempo, / observo com olhar frio o avanço do nada».²¹

A liberdade também pode decidir não ver e fugir: «Ok, estamos à mercê do nada. E daí? Quem se importa?», na ilusão de estar resolvendo o problema simplesmente ao desviar o olhar. Podemos fazê-lo em qualquer caso. Edgar Morin, um dos mais famosos pensadores europeus vivos, observou perspicazmente: «Compreendi que uma fonte de erros e de ilusões é ocultar os fatos que nos perturbam, anestesiá-los e eliminá-los da nossa mente».²² É como dizer: vai-se o dente, vai-se a dor; o que os olhos vão veem, o coração não sente. Temos tentado fazer de tudo em tempos de Coronavírus.

Se Jó tivesse vivido nesta nossa época, seu amigo Zofar, para consolá-lo das desgraças sofridas, poderia ter-lhe dito: «Nos momentos de isolamento, é preciso distrair-se! Não há analgésico melhor que o prazer!»

Mas será que é verdade? Podemos realmente lograr no intento que Del Noce atribui ao niilismo gaio, isto é, suprimir a inquietude do coração ou, como disse Morin, eliminar da nossa mente o

¹⁸ C. Fabro, *Libro dell'esistenza e della libertà vagabonda*. Casale Monferrato (AL): Piemme, 2000, p. 28.

¹⁹ A. Malraux, *La tentation de l'Occident*. Paris: Bernard Grasset, 1926, p. 216.

²⁰ A. Del Noce, *Lettera a Rodolfo Quadrelli*, Inedito, 1984. «Il nichilismo oggi corrente è il nichilismo gaio, senza inquietudine (forse si potrebbe definirlo per la soppressione dell'*inquietum cor meum* agostiniano)».

²¹ M. Houellebecq, *Cahier*. Milão: La nave di Teseo, 2019, p. 23.

²² E. Morin, *Ensinar a viver. Manifesto para mudar a educação*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

avanço do nada? Cada um de nós olhe para sua própria experiência e julgue. Podemos realmente resolver o problema desta maneira, só virando a cara para o outro lado?

Assim como Andrea Momoito, há quem tenha a sinceridade de confessar a impraticabilidade dessa opção: «Teve um dia conturbado? Não se preocupe, que eu mando uma piadinha besta dessas que não paramos de compartilhar por WhatsApp, mesmo se não vejo graça nelas, mesmo se me sinto uma cínica tentando arrancar um sorriso dos outros enquanto tudo o que quero fazer é assistir a *Hospital Central* [uma série de TV, *ndt*]. Gravo vídeos com minha companheira Andrea Liba, penso em *memes* bobos para postar no Instagram e depois desabo, porque não acredito em nada. Preciso saber que o meu mundo cabe aqui, mas não cabe. [...] Não tenho nada mais que contar, a não ser que estou desesperada, que me custa entender tanta atmosfera positiva e tanto otimismo, tantas chamadas de Zoom, tantas mensagens, tantos aplausos e tantas besteiras. [...] Só me resta aprender a viver com esta raiva. Esta raiva que me invade e pela qual não sei a quem culpar».²³

De modo igualmente sincero, Sol Aguirre confessou ter elaborado uma receita cuja inconsistência ela mesma reconhece: «E aqui estou, falando besteiras, [...] caso alguma delas desencadeie um sorriso onde antes se franzia o cenho. O riso, de novo, como antídoto para uma realidade escura demais. O riso, desprezado às vezes, sempre é o meu remédio».²⁴

O fato, escreve Simone Weil, é que «ninguém [...] se contenta pura e simplesmente com viver [...]]. Queremos viver por alguma coisa»,²⁵ queremos viver intensamente.

«Pode-se errar nas ideias, mas não é possível enganar-se com o coração ou desviar a própria consciência por erro.»²⁶ Se não é possível errar com o coração, o que isso implica?

3. A surpresa

Ante a nossa incapacidade de resolver até o fundo o nosso mal-estar – ou seja, o problema daquele nada que corrói os nossos dias –, podemos decidir não levá-lo em consideração, removendo-o. Mas, eis a surpresa, a dor continua. E como! A inquietude do coração pode ser coberta, não suprimida; a insatisfação pode ser dissimulada, não eliminada. Há algo em nós que no fim das contas não pode ser calado. Apesar das máscaras que usamos e da tentativa de fingir que não é nada, esforçando-nos para seguir em frente, ficamos tristes e tudo é como um jugo que nos oprime. Tudo menos vai-se o dente, vai-se a dor! A dor continua. Por quê? Porque há em nós algo que resiste.

«Algo havia em meu íntimo, no fundo do meu coração e da minha consciência, que não queria morrer e se expressava numa angústia abrasadora.»²⁷

O que é que resiste? Escreve-o Houellebecq na carta a Bernard-Henri Lévy que tantas vezes citei no último ano, justamente por me parecer testemunhar exemplarmente a dinâmica humana que estamos descrevendo: «Para mim é penoso admitir que cada vez mais senti o desejo de ser amado. Um mínimo de reflexão convenciona-me [...], toda vez, do disparate de tal sonho [...]. Mas a reflexão não podia fazer nada, o desejo persistia, e tenho que confessar que persiste até hoje».²⁸

Desta forma – insisto – não brinquemos nem deixemos que alguém brinque conosco dizendo que é só olhar para o outro lado para resolver o problema: o niilismo encontra um ponto de resistência antes de tudo em nós mesmos. Prestemos atenção a ele.

Diante do desafio do Coronavírus, Isabel Coixet teve de admitir sua impotência: «Tudo o que dávamos por óbvio não existe mais. E o que se abre diante de nós é uma densa névoa, carente de

²³ A. Momoito, *Público*, 10 de abril de 2020.

²⁴ S. Aguirre, *El Español*, 3 de abril de 2020.

²⁵ S. Weil, *L'amore di Dio*. Roma: Borla, 1979, p. 78.

²⁶ F. Dostoiévski, *Lettere sulla creatività*. Milão: Feltrinelli, 1991, p. 55.

²⁷ F. Dostoiévski, *Memórias do subsolo*, op. cit., p. 124.

²⁸ F. Sinisi, “Michel Houellebecq. ‘A vida é rara’”. *Passos-Litterae communionis*, n. 216, ago. 2019, p. 33.

luz. Reconheço que não sei viver esta hora, estes minutos que se estão tornando eternos».²⁹ A cineasta espanhola reconhece que não consegue lidar com o que lhe vem acontecendo, a ela e a nós, e isso lhe causa um mal-estar que transforma os minutos que passam num pesadelo que parece não ter fim.

Sol Aguirre, por sua vez, descreve a experiência do isolamento: «Durante a primeira semana de confinamento, tive medo. Não só pelo vírus, mas também pela possibilidade de que a tristeza me visitasse. Refiro-me a esta tristeza insuportável, duradoura, que turva a vista e a vida. Não o confessei a ninguém, porque já sei o que me diriam: você é alegre, tem projetos, cria soluções».³⁰

O que é que se evidencia nessas reações, nessas confissões sinceras e transparentes? A permanência daquela estrutura original do homem que é o desejo. É espantoso ver isso em alguém como Houellebecq, como atesta a carta citada. «A atitude original na qual o homem é criado – escreve Giussani – é a de um ímpeto com uma direção e um termo precisos, ou seja, uma tendência ao próprio mistério que coloca este termo, uma tendência ao infinito de Deus; *Feciste nos ad Te, Domine, et irrequietum est cor nostrum donec requiescat in Te* (Santo Agostinho).»³¹ É essa estrutura original o que se anuncia, em sua irredutibilidade, no fundo mesmo do niilismo, transformado hoje em hábito cultural e fenômeno social.

Qual é então o primeiro passo de quem não quer viver fugindo de um problema que não sabe resolver? Reconhecer, exatamente neste contexto de falta de sentido, que há algo irredutível que resiste ao niilismo, a todo e qualquer cinismo racionalista, como ilustra emblematicamente um niilista como Houellebecq. O que é que resiste? O meu eu, irredutível.

Se prestar atenção, devo reconhecer a persistência de uma estrutura elementar do meu eu, de mim, por mais que eu sofra a falta de sentido em que estou afundado, falta essa que há algum tempo já se tornou “clima”, “cultura”: quanto mais o nada se espalha, mais as feridas e as expectativas da nossa humanidade vêm à tona com toda a sua força, não mais cobertas pelas dialéticas culturais e pelos projetos coletivos, que já não têm apelo para nós: são expectativas e feridas que emergem em sua face mais elementar, sem a armadura de muitos discursos.

«Algo havia em meu íntimo [...] que não queria morrer», disse Dostoiévski. E Chesterton observa: «Quando você naufraga de verdade, você encontra de verdade o que precisa».³²

Nós o vimos de maneira surpreendente com a explosão da epidemia do Coronavírus. Despertados de nosso torpor, apareceram as perguntas. Maurizio Maggiani afirma: «Estávamos numa época que parecia acabar ali, em que nada mais podia acontecer, tudo tinha uma lógica própria, inatacável. O sistema não podia ser arranhado. Vivíamos como que dizendo: o que você quer mais? O que quer de melhor? E onde está o mais? Onde está o melhor? Era o fim da história. [...] Uma charneca sem fim, uma terra plana. Mas um movimento sísmico ondulou essa vastidão imóvel, transformando-a numa paisagem perturbadora». Qual foi o primeiro resultado desse terremoto? As perguntas. «Precisamos fazer-nos perguntas, porque nos colocam num espaço menos apertado, nos tiram das grades da prisão à qual nos confinamos. [...] No tumulto, no nosso caos, podemos conduzir-nos à razão, à condição de adultos. Como? Justamente perguntando. Fazendo perguntas.» Diante das perguntas, aplaca-se «toda a insolência e a soberba»,³³ que tantas vezes nos acompanham.

Desafiados por uma circunstância vertiginosa, as perguntas abriram brechas nos muros da zona de conforto em que nos havíamos refugiado. Rompeu-se a bolha: «Vivemos tempo demais anestesiados», diz Nuria Labari, «fazendo parte de um sistema errado demais em seus

²⁹ I. Coixet, *ABC*, 31 de março de 2020.

³⁰ S. Aguirre, *El Español*, 10 de abril de 2020.

³¹ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996, p. 269.

³² G. K. Chesterton, *Le avventure di un uomo vivo*. Milão: Mondadori, 1981, p. 62.

³³ Cf. M. Maggiani, “A mudança da vida”, entrevista concedida a Alessandra Stoppa. *Passos-Litterae communionis*, n. 224, mai. 2020, pp. 11-12.

fundamentos».³⁴ Fizemos experiência daquilo que Giussani afirma no décimo capítulo de *O senso religioso*: «Um indivíduo que tenha vivido pouco o impacto com a realidade, porque, por exemplo, teve pouco com que se esforçar para realizar, terá um escasso sentido da própria consciência, perceberá menos a energia e a vibração da sua razão».³⁵

Há momentos em que a realidade nos bate com tanta força, que é muito difícil atenuar seu golpe, evitar ou ignorar sua provocação. O que aconteceu despertou nossa atenção – com o concurso da nossa liberdade –, pondo em marcha a nossa razão, liberando as exigências de sentido que lhe exprimem a natureza. Refiro-me àquela urgência por significado que nos constitui e que o impacto – aceito – com a realidade nua e crua trouxe de volta à tona de maneira imponente. Foi neste sentido que falamos de um «despertar do humano».³⁶

Quanto mais o niilismo avança, mais se evidencia a impossibilidade de viver sem um sentido, mais se faz sentir o desejo indestrutível de sermos queridos, de sermos amados.

É o que se dá com o filho pródigo³⁷ de que fala o Evangelho: quanto mais se afunda, mais aumenta surpreendentemente nele a saudade de seu pai. Mas até quem acha que não tem um pai – como quem se identifica com a posição descrita por Houellebecq – se dá conta de que o desejo de ser amado persiste, irredutível.

«Nossa época é desconfiada em relação às palavras, foge dos dogmas. No entanto, conhece o significado do desejo. Deseja confusamente, sem saber o quê, mas com a sensação de ter em si um vazio que precisa ser preenchido.»³⁸ Esse desejo não diminui, não se apaga. Por isso Tchekhov diz que, para compreender quem se tem diante, o ponto a ser olhado é seu desejo: «Quando, em outros tempos, dava-me na veneta compreender alguém ou a mim mesmo, eu examinava não as ações [como nós fazemos, porém: com moralismo ferrenho por nós mesmos, facilmente detemos o olhar no que erramos, para depois “martirizar-nos”], em que tudo é convencional, mas os desejos». É o que faz Jesus: que é que ele olha na Samaritana, de fato? Sua sede, seu desejo. Ele dirige-se à sede daquela mulher: «Eu tenho uma água, uma água nova, diferente, a única que satisfaz a tua sede».³⁹ Neste sentido, Tchekhov declara: «Dize-me o que desejas, dir-te-ei quem és».⁴⁰

Todo o nosso eu está no nosso desejo, tudo está no que autêntica e profundamente queremos. E o que você quer agora, o que deseja? «Acho que esse meu contínuo chamado para o desejo, que vem da experiência da minha vida, [...] seja uma das coisas que torna mais simpático [mais interessante] o que digo, porque é uma coisa evidentemente humana, mas ao mesmo tempo é a coisa menos aceita de todas»,⁴¹ porque muitos gostariam de sufocá-la – como dissemos agora há pouco –, olhar para o outro lado, desprezá-la.

Como viver nesta situação? De onde partir para reconquistar a vida que corremos o risco de perder? Esta pergunta exprime uma urgência existencial, é como um espinho na carne. Por causa da irredutibilidade do desejo, que resiste apesar da difusão do nada e que dramatiza a vida fazendo a pergunta arder ainda mais, estamos perante uma alternativa: ou resignar-nos olhando para o outro lado, fingindo que não é nada e enganando-nos a nós mesmos, ou então deixar que todo o nosso desejo grite, ir atrás de toda a urgência do coração, que ninguém pode apagar. Podemos reconhecer o real, começando pelo nosso incômodo, e gritar.

³⁴ N. Labari, *El País*, 18 de março de 2020.

³⁵ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 155.

³⁶ Cf. J. Carrón, *O despertar do humano. Reflexões de um tempo vertiginoso*. E-book disponível em portugues.clonline.org.

³⁷ Lc 15,11-32.

³⁸ E. Varden, *La solitudine spezzata. Sulla memoria cristiana*, Magnano (Bi): Edizioni Qiqajon - Comunità di Bose, 2019, p. 143.

³⁹ Cf. Jo 4,4-42.

⁴⁰ A. Tchekhov, “Uma história enfadonha.” In: Idem, *O beijo e outras histórias*. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 177.

⁴¹ Fraternidade de Comunhão e Libertação (FCL), *Documentação audiovisual*. Dia de meditação para os casais, Milão, 23 de janeiro de 1977.

Mas... é razoável gritar, se – no fim – não há nada? Às vezes nos descobrimos desencorajados, cansados de gritar. Outras vezes prevalece a dúvida se vale a pena gritar. A razão desse desencorajamento e dessa dúvida é que damos por óbvia a existência do grito do coração, do desejo que resiste a qualquer niilismo. Mas a existência do grito, da pergunta, do desejo, é a coisa menos óbvia que há. Tanto é verdade, que quando refletimos sobre isso começamos a nos maravilhar com sua existência. Ora, o que a existência do grito implica?

Se há o grito, há a resposta. Uma afirmação do gênero às vezes nos é difícil de entender. O motivo é aquele: nós damos o grito por óbvio. Usando até o fundo a razão, fiel ao que emerge na experiência, Giussani indica uma lei permanente: «A afirmação da existência da resposta» está «implicada no próprio fato da pergunta».⁴² Por mais misteriosa que seja, a resposta existe, está implicada na pergunta (nesse sentido, na entrevista citada, Maggiani observa que a resposta «está na pergunta»⁴³). De fato, insiste Giussani, «suprimiremos a pergunta se não admitirmos a existência de uma resposta».⁴⁴ A exigência de significado, de amor, de realização, é afirmação implícita de uma totalidade, «de uma resposta última que está *além* das modalidades existenciais experimentáveis», mas existe. Por que sei que existe? Porque – repito – sua existência está implicada no próprio dinamismo da minha pessoa, na estrutura de exigência da minha humanidade. «Se fosse eliminada a hipótese de um “além”, aquelas exigências seriam sufocadas de modo não natural.»⁴⁵

4. Um “tu” que acolhe o grito

A pergunta por um significado exaustivo, de amor e de realização total, é constitutiva da nossa razão, é sua expressão suprema. Fazê-la “obriga-nos” a afirmar a existência da resposta, embora além do horizonte daquilo que nós medimos.⁴⁶ Caso contrário não haveria o grito, não explicaríamos a existência da pergunta. Quando abolimos a categoria da possibilidade, que é o tecido mesmo da razão, quando, pela dificuldade de afirmar a resposta, dizemos: «Não é possível», renegamos a razão em sua própria existência, deprimimos seu dinamismo vital. Se eu estivesse perdido numa floresta, gritar por socorro seria o gesto mais razoável. Mas gritar implica a possibilidade de haver alguém que escute meu grito. Por mais remota que seja, com efeito, nunca posso excluir de maneira *absoluta* a possibilidade de que outra pessoa me escute. Senão seria absurdo gritar. Portanto, no momento mesmo em que – pelas dificuldades que encontro – nego a possibilidade de alguém escutar meu grito e suprimo o grito, minha razão obscurece-se. Pois bem, é esta “irracionalidade” (este “desespero”⁴⁷) aquilo pelo qual o homem contemporâneo – cada um de nós – é fortemente tentado: devido às dificuldades que encontra ao longo do caminho, ele diz: «Não é possível» e, negando a possibilidade da resposta, experimenta o arrefecimento da pergunta, o obscurecimento da razão, a fraqueza do desejo. Quando é que a pergunta se desperta? Quando encontramos na nossa frente uma presença que responde, uma presença à altura da nossa exigência de totalidade. Não é difícil imaginar, então, como deve ter-se alçado forte e incontido o grito do cego Bartimeu quando soube que se estava aproximando um homem de quem ouvira dizer que respondia à pergunta profunda da vida dos homens.

«Foram então a Jericó, e quando Jesus estava saindo da cidade com os seus discípulos e uma grande multidão, um mendigo cego, Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho. Ouvindo que era Jesus, o nazareno, começou a gritar [grita-se para alguém. Muita gente deve ter

⁴² L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 91.

⁴³ M. Maggiani, “A mudança da vida”, op. cit., p. 11.

⁴⁴ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 90.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 176.

⁴⁶ Giussani escreve: «O ponto culminante da conquista da razão é perceber que existe um desconhecido, inatingível, ao qual todos os movimentos do homem se destinam, porque dele dependem. É a ideia de *mistério*» (L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 178).

⁴⁷ Cf. L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., pp. 98-100.

passado ao lado de Bartimeu, mas só quando ouviu falar daquele homem, alguém com nome e sobrenome, é que começou a gritar]: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!” [não se grita para alguém qualquer, grita-se para alguém que tem um nome preciso]. Muitos o repreendiam para que se calasse, mas ele gritava mais alto ainda: “Filho de Davi, tem compaixão de mim”. Jesus parou e disse: “Chamai-o!” Então chamaram o cego, dizendo: “Coragem, levanta-te! Ele te chama!” O cego jogou o manto fora e, com um pulo, foi até Jesus. Este lhe perguntou: “Que queres que eu te faça?”⁴⁸

Desde então, desde que Jesus irrompeu na história, há no horizonte de vida dos homens uma Presença a quem gritar, Alguém que, diante do grito de cada um de nós, nos pergunta: «Que queres que eu te faça?» Há Alguém que abraça o nosso grito, uma Presença que ninguém mais pode eliminar, de tanto que é um Fato acontecido e que acontece, contemporâneo, que permanece na história. A possibilidade de encontrá-lo nos é dada a cada um de nós. Qualquer que seja a situação em que estejamos, a aridez ou o cansaço que sintamos, a incapacidade de sermos tomados pelas coisas ou o nada que nos assalta, ninguém poderá evitar, em qualquer posição que assumamos, ser alcançado, ouvir ecoar, retumbar a pergunta de Cristo como dirigida pessoalmente a ele: «Que queres que eu te faça?» E nada pode impedir-nos de responder como o cego Bartimeu: «Rabuni, que eu veja»,⁴⁹ que eu possa “ver”, ou seja, experimentar a Tua atratividade que me arrasta para fora do nada.

Por que estamos juntos? Porque também nós, assim como Bartimeu, identificamos essa Presença capaz de acolher o grito da nossa humanidade, despertando um último e irredutível amor a nós mesmos, uma ternura de outra forma impensável por nós, e sustentando o nosso caminho para não cairmos no nada. Estamos juntos para gritar como o cego do Evangelho. Só porque existe essa Presença, abrindo espaço para ela em nós e entre nós, é que podemos viver plenamente.

Esse abrir espaço em nós para essa Presença tem um nome. Qual? Silêncio. «O silêncio [...] não é um nada, o silêncio é uma oração, é a consciência de estar diante de Deus, [...] é um pedido».⁵⁰ Perdemos tempo demais falando de coisas que não têm valor algum nem nos oferecem ajuda alguma para viver. Diante de todos aqueles que nos dizem – das várias maneiras em que a distração pode alimentar-se –: «Não grite, não grite, não grite!», podemos fazer como Bartimeu, que gritava ainda mais alto: «Jesus, tem compaixão de mim!» Se vibra em nós um mínimo de amor a nós mesmos, esse grito preenche o nosso silêncio. No inevitável drama do viver, podemos não censurar, não sucumbir à nossa vulnerabilidade e à nossa impotência, pois há uma Presença que nos abraça, que abraça toda a nossa humanidade confusa e inquieta, que se debruça sobre nossas feridas e nos pergunta: «Que queres que eu te faça?»

⁴⁸ Mc 10,46-51.

⁴⁹ Mc 10,51.

⁵⁰ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*. Milão: Bur, 2018, pp. 212-213.